

Título: Festas de Reinado, Salvação e Etiqueta: ou de como os congadeiros orientam a forma como o estado se dirige a eles

Autor: Marcos da Costa Martins Centro de Estudos da Religião Pierre Sanchis-UFMG, Plantuc – Projetos Socioambientais)

Resumo: As festas de reinado em Carmo da Mata são uma oportunidade para tecer uma rede que inclui empreendedores, o poder municipal e órgãos do patrimônio que, de repente, manifesta interesse pelas irmandades congadeiras locais, colocando-as no centro de processos alheios aos processos de licenciamento e salvaguarda. Conhecer as irmandades, perceber a relação histórica e conflituosa que elas mantêm entre si e entender a etiqueta tradicional que rege os acordos e a autoridade dentro dos congados, é fundamental para modular qualquer ação que seja aceitável aos congadeiros que não os faça meros coadjuvantes. Assim nas festas de reinado são empenhados os instrumentos de regulamentação que os habilitam a colocarem-se sem prejuízo diante das autoridades seculares sem abdicarem de seu investimento sagrado. As duas irmandades empenham seu prestígio em 6 festas que demarcam o processo de ocupação do município, opõem campo e cidade, e cuja separação se deu em termos mágicos que ordena a evitação mútua e dificulta a compreensão local deste aparente dispêndio festivo.

Palavras-chave:

congados, salvaguarda, patrimônio

Este artigo congrega dados de um Relatório de Análise de Impacto sobre Bens Culturais como etapa necessária para a obtenção de Licença para Empreendimento Minerário junto ao IPHAN-MG e da condicionante dele resultante: um Plano de Salvaguarda para o Congado de Carmo da Mata. Aqui não se trata de um caso sobre a predominância de interesses econômicos sobre a prática tradicional, senão que o contrário, um cenário em que os atores institucionais, cumprindo suas responsabilidades, chegaram a um bom termo com os detentores congadeiros. O modelo de mineração aqui também foge ao senso comum provocado pela imensas cavas a céu aberto com as quais um imaginário midiático e ingênuo identifica e cai num denunciamento fácil e raso. Uma mineração de pequena monta com números exíguos para o modelo, esconde a carga preciosa de Grafite (milhares de aplicações tecnológicas deste produto geológico dos primórdios da vida no planeta, pois todo grafite fora algo vivo há centenas de milhões de anos atrás e da qual Minas Gerais é um dos maiores reservas do mundo) que 15 caminhões

ao dia retirariam de uma montanha por 5 anos, ao pé da qual em posição oculta à mina, o povoado do Quilombo Jazia como uma incógnita. A meros 2km da mina, dele nada NA vida parecia suspeitar que tamanha riqueza fluísse dali de trás das montanhas. Nem mesmo a água que abastecia o Quilombo era a mesma (o grafite como produto inerte, inclusive purifica a água, tal sua nobreza material). Estamos a falar de um quase tipo ideal de negociação exitosa que conseguiu juntar congadeiros e suas divisões internas, poderes públicos interessados no capital político e na atração de investimento em momento de crise e uma empresa adepta da dita responsabilidade social, no entanto, ansiosa por seu lucro e temerosa desta aproximação desconfortável fora dos preceitos de um capitalismo estrito. Assim como técnico do patrimônio, elo entre o público e o privado, fui procurado para exercer minha expertise na comunhão destes três agentes díspares, distintos em suas motivações e crenças a cumprir as esquizofrênicas instancias de um processo econômico, político e territorial que exigem na sua prova um aval dos órgãos responsáveis pelo Patrimônio cultural. Tudo isso numa cidade de 11 mil habitantes.

A preparação para ir ao campo envolveu uma pesquisa prévia que revelou a exiguidade dos dados relativos ao município de Carmo da Mata. Dentre as referências, encontramos matérias televisivas que nos indicaram que a Festa do Rosário da cidade era importante, sugerindo um evento centenário em louvor a Nossa Senhora do Rosário. O levantamento preliminar para o Registro do Congado em Minas Gerais produzido pelo IPHAN-MG indicou dois grupos de praticantes sem especificar, contudo, a qual modalidade de congado estes grupos se filiavam. O município de Carmo da Mata deixou de participar do programa do ICMS cultural, acompanhado pelo IEPHA-MG, e os dados disponíveis a respeito do patrimônio cultural local são incompletos e/ou estavam desatualizados. Apenas três bens culturais aparecem listados no conjunto de bens tombados em nível municipal: o Conjunto Paisagístico da cachoeira da Forquilha, o Grupo Escolar Silviano Brandão e a Imagem de Sant'Ana (no povoado do Quilombo), todos estes arrolados no ano de 2003.

Sem informações sobre a Capoeira e esparsos dados sobre o congado, seguimos rumo a Carmo da Mata. Como primeira tarefa nos encontramos com os funcionários da Gerência de Meio Ambiente da Nacional de Grafite na unidade de beneficiamento que se localiza no município de Itapeçerica. Nesta oportunidade, foi-nos exposto um panorama do empreendimento e mapas detalhados da região, um resumo das atividades da empresa, os procedimentos de contato da empresa com o município de Carmo da Mata e os trabalhos

realizados pela Nacional de Grafite para levar informação às comunidades do entorno sobre o desenvolvimento do empreendimento. A empresa inclusive ajudara a regularizar a associação e moradores do Quilombo, trazendo como sinal do progresso, uma antena para o sinal de celular.

No dia seguinte, iniciamos nossa visita a Carmo da Mata, pelo sítio do empreendimento, a Fazenda da Casca na qual se estabelecerá a Mina, com sua sede do século XIX e os rastros arqueológicos identificados pelo trabalho de diagnóstico e prospecção arqueológica, explicando as medidas tomadas pela empresa para sua salvaguarda. Os sítios arqueológicos delimitados à beira de uma lagoa, ao fundo da qual a mata obrigatória do terreno a ser explorado era reconstituída com espécies nativas.

A seguir visitamos o povoado do Quilombo, que dista a cerca de dois quilômetros do empreendimento e que, apesar do nome, não passa por nenhum processo oficial de reconhecimento como comunidade tradicional quilombola. Entretanto, no local existe uma população negra instalada há décadas e um histórico de manifestações congadeiras. Identificamos também como importante manifestação cultural imaterial local a história da imagem de Sant'Ana, que foi descoberta numa lapa, provavelmente no século XVIII. Neste povoado conversamos com o Sr. Edson Vaz Rios, que tem uma longa história familiar de organização e suporte para a festa do Rosário local.

Ao entrarmos em contato com a Irmandade do Rosário pudemos comprovar como os congadeiros conseguiam estabelecer uma rede dinâmica e efetiva, uma vez que o presidente da associação, Sebastião Carvalho, ele próprio capitão de um terno de vilão, reuniu em poucos minutos quatro capitães que nos prestaram muitas informações, revelando um universo insuspeito e corrigindo os dados do Levantamento Preliminar do Congado feito pelo IPHAN-MG. Neste encontro com a Irmandade do Rosário, conversamos com os seguintes capitães: Hilton Alves Santos do Moçambique; Sebastião Cota e Adimilson.

Neste contato constatamos que a prática do congado era muito maior do sugeriam as poucas informações disponíveis. Ali descobrimos que o congado é o motor das expressões culturais da cidade, envolvendo uma parcela importante da população em duas irmandades que juntas englobam 13 ternos em cinco festas (mais a tarde a informação corrigida seria 15 ternos e 6 festas) dentro do município, com um calendário festivo que vai de julho a setembro e cujo auge se dá nas duas primeiras semanas de agosto.

Essa situação singular de haverem duas irmandades numa cidade com população estimada em 2014 em 11.429 habitantes (fonte: IBGE), deu uma dimensão pouco vista desta prática e gerou uma série de questões sobre as relações entre as irmandades, suas diferenças, suas matrizes e sobre a manutenção de tão evidente complexo à margem, uma vez que não descobrimos nada nem mesmo um trabalho acadêmico sobre o tema. Do outro lado, notamos um desconhecimento do poder público sobre o bem cultural e um discurso oficial de dificuldade em ajudar o congado por causa de sua divisão interna, fato que não correspondia aos dados que obtivemos nas entrevistas que conduzimos com os congadeiros.

No dia seguinte, visitamos o povoado da Forquilha, onde conversamos com o Sr. José Geraldo, mais conhecido como “Seu Geraldinho”, Capitão de vilão e organizador da Festa do Rosário naquele povoado. Seu Geraldinho também atende às festas do Rosário na região da Cachoeira dos Dias, no povoado do Quilombo e participa da Festa do Rosário na sede de Carmo da Mata como capitão-mor da Irmandade de São Benedito, celebração que acontece na segunda semana de agosto.

Sobre a segunda irmandade de Carmo da Mata, a Irmandade de São Benedito, procuramos pelo presidente da mesma, Fernando César Cesário, que foi escolhido como presidente aos 17 anos de idade e hoje já contabiliza quase trinta anos de serviços prestados à Irmandade e ao Congado de Carmo da Mata.

É com base nestes testemunhos e nos materiais audiovisuais que estes nos encaminharam que se procede abaixo a uma descrição dos bens imateriais deste município.

Tomo aqui emprestado o seguinte dado levantado pela Historiadora Sara Aredes, que fazia parte da equipe de estudos,

Segundo David de Carvalho, pesquisador e autor da “História de Cláudio”, pelos velhos documentos “vê-se que Inácio Afonso Bragança se estabeleceu no, hoje, município de Carmo da Mata, na fértil floresta que se estendia desde Forquilha, correndo Boa Vista abaixo, até além da Tamanca. Da Forquilha para cima, ficavam as posses de André Ribeiro da Silva, cujas divisas vinhas já se derramando do Japão para cá. Ao Capitão Manuel Martins Arruda, cuja fazenda ficava na própria picada de Goiás, tocaram essas terras que, de Oeste a Norte, se estendem além do atual bairro João Pessoa.” (CARVALHO, 1992).

Daniel Sampaio (2012, p.4) acrescenta que esses três bandeirantes possuíam ligações de compadrio e Inácio Afonso Bragança teve a iniciativa de buscar a confirmação oficial do governo imperial para a demarcação das terras dessas fazendas. Sendo assim, dirigiu-se, em 1753, ao governador da Capitania de Minas Gerais, José Antônio Freire de Andrade, requerendo para si a doação de uma Sesmaria, nela incluindo suas posses no Boa Vista e as dos seus sócios na “travessia da Picada de Goiás”. A doação foi logo concedida, no dia 26 de maio de 1753, e o Governador da Capitania assinou a carta de doação da sesmaria a Inácio Afonso Bragança. Entretanto, a burocracia dos magistrados e meirinhos retardou o despacho da carta e a expedição das autoridades incumbidas da demarcação e medição.

À espera deste despacho, os fazendeiros apegaram-se a toda sorte de promessas e orações. Conta-se que a esposa de Inácio Afonso Bragança se apegou a Nossa Senhora. Em 16 de julho de 1754, quatorze meses depois da solicitação, finalmente foi demarcada a sesmaria. Sendo este dia dedicado à Nossa Senhora do Carmo, construiu-se ali uma ermida sob sua invocação.

O primeiro nome de Carmo da Mata aparece na carta de concessão da sesmaria da Forquilha. “Mata do Rio da Boa Vista”, termo da vila de São José, comarca do Rio das Mortes e travessia da picada de Goiás. Com a construção da capela, no alto do morro, com frente para o rio Boa Vista, passou o lugar a chamar-se “Ermida da Mata da Senhora do Carmo”, já expandindo suas construções pelos becos que saíam do largo da Capela: beco da Bagagem (atual rua Afonso Bragança), beco que descia para o padre Antônio (rua Virgílio Silveira), beco do Cruzeiro (rua 17 de dezembro) e, mais tarde rua Boa Vista (avenida Dom Alexandre Amaral), todos homenageando os próprios homens do arraial, o qual, mais tarde, se chamou Mata do Carmo e, por fim, Carmo da Mata. (Laudo da Fazenda Casca. Nacional de Grafite. RAIBC. IPHAN-MG. 03/2015. p. 19,20)

É importante guardar este nome: Forquilha, por que é dele que parte todo o ciclo festivo do Congado de Carmo da Mata. Daí a festa como memória e afirmação de um território municipal que aos poucos vai tomando forma. O calendário local e a distribuição geográfica das festas, faz um caminho que segue desde a Forquilha até o Quilombo, conectando Oliveira e Itapecerica, dois polos congadeiros plenamente reconhecidos ligados por um rosário de festas rurais de congado, que passam em agosto pela sede de Carmo da Mata que celebra por 2 semanas suas duas irmandades.

Na zona rural do município de Carmo da Mata, existem então as festas de reinado nas localidades conhecidas como “Forquilha” e “Cachoeira Dias”, que atraem grande público. Ambas as festas são comandadas pelo Capitão José Geraldo, ou Geraldinho, como é mais conhecido, nascido em 1951. Geraldinho é capitão-mor da Irmandade de São Benedito. Iniciado desde muito criança na dança, já se apresentou em festivais folclóricos em São Paulo. Ele contou que o mais marcante do qual se recorda é o de Barretos, do qual voltou com grande soma de gorjetas (abaixo a explicação). O pai de Geraldinho, Vicente de nome, Dedeco de apelido, também “já nasceu na festa” (faleceu aos 96 anos). Igualmente o avô do Sr. Geraldinho, João Silveira, também era da festa. Observando esses relatos, podemos estimar que haja mais de cem anos de tradição ininterrupta dos ternos na Forquilha.

O ciclo de festas na região da Forquilha é o seguinte: A primeira festa é na Cachoeira dos Dias. Geraldinho leva seu terno de vilão, Julieta, sua esposa, comanda um outro terno de corte e ainda participa um terno de camisa amarela, o catopé, segundo palavras do mesmo. Para completar a festa trazem um Maçambique (variação na fala, na região usam indistintamente moçambique, muçambique e maçambique). Esta festa acontece no mês de junho, abrindo o calendário do congado no município de Carmo da Mata. Em julho é a vez da Forquilha receber o Reinado. E em agosto todos os ternos locais se deslocam à sede para a Festa da Irmandade de São Benedito. Os ternos da Forquilha também participam da festa no município de Cláudio. Às vezes, quando são convidados, participam também das festas em Carmópolis de Minas e no povoado do Bicudo que pertence a este município. De acordo com o relato do Sr. Geraldinho, eles apenas não participam da festa em Itapeçerica por acharem muito cansativo o costume existente nessa localidade, que é o de amarrar o terno com doações. Nesse tipo de manifestação os moradores oferecem dinheiro que é colocado sob os pés e os congados, tem que cantar o suficiente para receberem. Aqui já se expressa uma diferença entre as irmandades, inclusive no Quilombo este costume de amarração também está presente.

Geraldinho conta que desde o tempo do avô que havia essa divisão na celebração do reinado. Segundo ele, naquela época, os ternos usavam disputar com feitiço e houve um episódio de disputa entre o avô e outro capitão (este seria o capitão-mor da Irmandade do Rosário, não descobrimos seu nome, mas seria o pai do Capitão Ananias tido como o terno mais antigo da Sede do Município), no qual com o uso de pontos cantados tentavam se derrubar mutuamente em público, numa desavença que rompeu o delicado equilíbrio

levando ambas os dois capitães poderosos a aglutinarem em torno de si uma rede diferente que se cristalizou como as irmandades. A partir daí houve uma cisão entre os capitães e as duas formas de comandar acabaram por arregimentar os ternos em duas irmandades, que se distinguiram através das décadas segundo diferentes influências que tornaram impossível uma fusão posterior.

A Prefeitura e a Igreja Católica em Carmo da Mata insistem neste ponto como um caso de simples desunião dos congadeiros e das irmandades, mas para nosso olhar de forasteiros e de breve estadia, não se trata de uma simples divisão, mas da conformação de duas histórias que não podem ser reduzidas a um denominador comum. Em Carmo da Mata os conteúdos conflituosos que são visíveis em todas as festas de congado assumiram uma forma extrema, e a divisão através das duas irmandades foi a solução de compromisso para as desavenças que ameaçavam o conjunto do congado antes da divisão.

Esta separação é fundamental na definição do pertencimento de cada terno, tendo ocorrido há tanto tempo que permitiu que hoje existissem duas matrizes discrepantes e não sujeitas a um modelo único. Cada uma das irmandades possui uma estrutura completa de reinado, além de autoridade e legitimidade suficiente para impedir a redução a uma só irmandade, pois significaria a abolição de cargos perpétuos e hereditários, a abdicação de autoridades e a construção de outra hierarquia. Sabendo que a hierarquia no congado é sagrada, entende-se que não haveria como uma fusão poder ser efetivada, pois significaria o abandono em ambas de direitos sagrados conquistados a partir de uma iniciação de longa duração.

Assim, mesmo para um olhar superficial, parece contraproducente insistir numa harmonia ideal, uma vez que as irmandades alcançam, na sua existência, uma harmonia provisória cheia de episódios e lances. Nenhum dos entrevistados se referiu a uma inimizade, senão que a formas inconciliáveis de encarar a festa. A dignidade de ambas as irmandades se equilibra num respeito mútuo que inclui a diferenciação das celebrações. A permanência e vínculos de ambas as irmandades testemunha mais do que uma disputa, e sim uma riqueza da expressão no município que nos fala sobre proveniência, parentesco e magia. Este conflito reverbera na ascensão da sede, do urbano e do rural. O conflito entre as irmandades é uma falsa dicotomia, uma vez que cada uma atua em distintos territórios, enquanto os ternos gozam de liberdade para frequentar as festas que quiserem. É comum nas festas verem-se os ternos de diferentes irmandades juntos fazendo festa.

Apontada esta singularidade do Congado em Carmo da Mata, cujos detalhes e especificidades fogem à alçada deste documento e do propósito do processo de licenciamento, mas que seriam importantes para pensar uma salvaguarda que não desse resposta iguais, nivelando as irmandades numa equivalência ou identidade. Assim passamos a descrever as duas irmandades e as festas na Sede do município.

A estrutura do reinado em Carmo da Mata compõe-se das Rainhas e Reis Congos, Rainhas e Reis grandes (conhecidos em outras regiões como reis festeiros, que se revezam a cada ano no apoio à festa, tornando-se cargos honorários de prestígio), Rainhas e Reis de promessa, Rainha das flores e as princesas e príncipes. Durante a festa, ocorre a encenação da Abolição com um desfile representativo que traz as figuras históricas do período, Princesa Isabel e sua corte. Fato interessante é a ausência de Congos, fazendo com que o termo “congado” aplicado genericamente a estas formas de expressão e celebração seja um tanto inexato neste caso. O vilão cumpre as funções do Congo em Carmo da mata, fazendo coreografias, luta de bastões, abrindo os cortejos, conduzindo os personagens da encenação. O Moçambique fica a cargo dos ritos, da escolta dos reis, das bandeiras, dos mastros e das imagens. Os demais se subdividem na atenção aos reis de promessa e na complementação da estética sagrada da festa. Os catupés se distinguem pelo uso de recos de bambu chamados gazuá ou ganzuá. São levantadas bandeiras para Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Mercês, Nossa Senhora Aparecida, Santa Efigênia e São Benedito.

Começamos pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Apesar da antiguidade da separação dos Reinados, a Irmandade do Rosário tem o registro jurídico mais antigo, tendo se organizado primeiro como instituição. Isto tem relação com o fato de congregar apenas ternos da sede, de forma que um contato mais próximo entre os ternos e com os poderes estabelecidos facilitou o acesso aos procedimentos de regularização. Temos o testemunho coletivo do presidente da Irmandade Sebastião Carvalho, do capitão-mor e capitão de Moçambique Hilton Alves Santos, dos capitães de catupé Sebastião Cota e Adimilson. Com eles ficamos sabendo que a Irmandade engloba 7 ternos:

- Terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário (comandado por Hilton Alves dos Santos);
- Terno de Vilão de Nossa Senhora Aparecida (comandado por Sebastião Carvalho);

- Terno de Vilão de Nossa Senhora do Rosário (comandado por Ananias);
- Terno de Catupé de Pandeiro de Santa Efigênia (comandado Jorge Cândido);
- Terno de Catupé de Nossa Senhora Aparecida (comandado por Admilson);
- Terno de Catupé de Nossa Senhora do Rosário (comandado pelo capitão Bem que também tem uma grande folia de reis)
- Terno de Catupé Nossa Senhora do Rosário (comandado por Sebastião Cota, tido como o mais antigo em atividade na sede do Município).

A festa da Irmandade do Rosário, assim como a da Irmandade de São Benedito, ultrapassa os cem anos de existência. O levantamento dos mastros ocorre no dia 19 de julho, bem antes da festa, como forma de anúncio. A festa tem duração de quatro dias e é realizada na primeira semana de agosto. Na abertura da festa, há a encenação do boi que faz a visita aos Reis, numa apresentação mais descontraída e lúdica. No segundo dia começam as visitas e o acompanhamento das coroas. No terceiro dia acontece a Missa Conga e todos os ternos saem em cortejo pela cidade. A festa ocorre em torno da Igreja do Rosário, mas as guardas locais e visitantes são recebidas num salão que a Irmandade dispõe, chamada “Casa do Congadeiro”. Ali são servidos os lanches e almoços. A festa recebe várias guardas de outros municípios, como Oliveira, Divinópolis e Cláudio.

A Irmandade de São Benedito, que engloba outros 7 ternos e segundo seu José Geraldo, chega a ajuntar mais de 20 ternos durante a festa que ocorre na segunda semana de agosto, imediatamente após a festa da Irmandade do Rosário e durando 7 dias. A festa segue o mesmo padrão descrito acima. A diferença desta Irmandade é que ela se espalha pelo município envolvendo ternos da zona rural, isto é, os da Forquilha. Apesar de sua antiguidade atestada, a Irmandade de São Benedito só foi registrada há cerca de 20 anos, possuindo desde então sua pessoa jurídica. A Irmandade está construindo uma sede, em um terreno localizado na mesma rua onde se localiza a sede da Irmandade do Rosário, que servirá a propósitos idênticos aos mencionados para a outra Irmandade. Enquanto isto não ocorre, a recepção dos ternos visitantes e o oferecimento de lanches e almoços é feito em 4 casas para as quais os ternos são distribuídos durante a festa. Os ternos que compõem a Irmandade de São Benedito são os seguintes:

- Moçambique de Nossa Senhora do Rosário (comandado por Maria Gordinha e o Cap. Louro);
- Moçambique de São Benedito (comandado por Flamarion);
- Terno de Vilão de Nossa Senhora Aparecida (comandado por José Geraldo – Forquilha);
- Terno de Vilão Santa Efigênia (comandado por Osvaldo Gonçalves);
- Terno de Pandeiro Nossa Senhora do Rosário (comandado por Julieta Silveira – esposa de José Geraldo – Forquilha);
- Terno de Catupé de Nossa Senhora das Mercês (comandado pelo Sr. Nenê, Geraldo Silveira – Cachoeira dos Dias);
- Terno de Catupé de Nossa Senhora das Mercês (comandado pela Caetana – considerado o maior da cidade com 105 membros).

São estes ternos que contribuem para que aconteça a festa do Rosário do povoado do Quilombo, que, apesar de pertencer administrativamente ao município de Carmo da Mata, é muito mais próximo territorialmente do município de Itapecerica, o que favoreceu historicamente o contato com este. Inclusive, conforme os testemunhos colhidos, antes da emancipação de Carmo da Mata esta região pertencia de fato a Itapecerica. Hoje as estradas que conduzem à sede de Carmo da Mata estão em melhores condições que o caminho até a estrada asfaltada que conduz a Itapecerica, mas sendo este último um caminho mais curto (7km) que o caminho em estrada de terra até a sede de Carmo da Mata (22km) e dada a maior oferta de serviços e comércio existente em Itapecerica, o tráfego por esta via é bastante utilizado pelos moradores do Quilombo. A principal fonte de ocupação da população local é a agropecuária, a paisagem é marcada por lavouras de café na altitude, produto que conta com excelente reputação e neste caso, causa muito mais impacto ambiental que a Mineração. As informações abaixo foram recolhidas do relato fornecido pelo Sr. Edson Vaz Rios, nascido em 1955.

A já descrita proximidade com o município de Itapecerica pode ser sentida fortemente através do congado no município de Carmo da Mata, sobretudo na forma ritual da festa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e mais diretamente no povoado do Quilombo. No povoado não há um terno local, mas houve ternos há mais de duas gerações atrás. O

pai de Edson, José Higino (falecido em 2013) foi dançador enquanto o avô era capitão, mas o terno deixou de existir ainda no tempo de seu pai, sendo que este não chegou a capitanear o terno. Havia outro terno de vilão que era de um tio não nomeado e um certo Manoel, de apelido Neco, capitaneava um Moçambique. A existência deste Moçambique é um dado histórico importante porque tendo a precedência ritual indica uma festa autossuficiente e de longa duração, diferente da situação atual de dependência externa para realização da festa. O fim destes grupos talvez tenha relação com o impasse comunitário que interrompeu a festa por cerca de nove anos ainda no tempo em que havia ternos no Quilombo em meados da década de 1960. Neste episódio a bandeira chegou a ser arrancada, evento de natureza nefasta sob qualquer aspecto, interrompendo a festa no meio do seu acontecimento. O que explica magicamente a suspensão da festa por uma década e o fim dos ternos locais. O delegado de então, Dr. Iraci, entrevistou junto ao vice-prefeito, Sebastião Notini, que morava numa fazenda no Quilombo, para retomar a festa. Chamaram na ocasião o Sr. José Higino, pai de Edson, para retomar a organização da festa. Foi quando se estabeleceu a amizade com os grupos da Forquilha que ajudaram a levantar os três ternos do Quilombo. De acordo com as recordações de Edson, a festa foi retomada em 1973.

Desde essa ocasião em que foi retomada a Festa do Rosário no Quilombo, ela nunca mais cessou de acontecer. Trata-se de uma festa organizada há gerações pela família do Sr. Edson, que hoje ajuda a manter a festa, a exemplo de seu pai, que era capitão-mor da Festa. Por um tempo cuidou da festa junto com o irmão Cleusmar, que posteriormente veio a abandonar a festa.

Hoje em dia, o Sr. Edson conta com uma equipe de 8 pessoas que cuidam do “Reinado”, forma como denominam a festa, em virtude de seu esquema ritual de condução de reis, coroações e embaixadas tradicionais em muitos congados. Segundo o Sr. Edson, o povoado do Quilombo nunca saiu para ajudar nas festas que acontecem fora do povoado, mas “os de fora” sempre ajudaram na Festa do Quilombo. Essa não participação talvez tenha a ver com também com o fim dos ternos locais. Para organizá-la, o Sr. Edson tem que lidar com inúmeras dificuldades, destacando a falta de pessoas, que acabaram abandonando a festa, aí uma referência velada à conversão às denominações evangélicas e a falta de recursos materiais.

Nos rituais do reinado é necessária a presença de um Moçambique; para tanto há quinze anos a festa do Quilombo é atendida pelo Moçambique do Antônio Pretinho, procedente da localidade de Boa viagem do município de Itapecerica. Lembramos que este Moçambique é objeto de pesquisa e de ações de salvaguarda do projeto Crespial “Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial relacionado à música, canto e dança de comunidades afrodescendentes”. Este Moçambique se distingue por não ser tão ligado ao circuito oficial do Reinado de Itapecerica, tendo uma rede de visitação mais voltada para a região rural do seu entorno, sendo o próprio proveniente da localidade de boa Viagem antigamente distante da sede do município de Itapecerica.

Também participa da festa no Quilombo o Seu Geraldinho da Forquilha (capitão-mor da Irmandade de São Benedito) com seu terno de vilão. A participação do Capitão Geraldinho acontece há 33 anos e foi ele quem ajudou a segurar a festa quando o terno de vilão do Quilombo deixou de sair. A festa do Reinado do Quilombo ainda conta com a presença do terno do Antônio Geraldo de Itapecerica e um terno de Cláudio/MG. A festa costuma reunir até 7 ternos em cerimônias que duram quatro dias, anualmente de 11 a 14 de setembro fechando o ciclo de festas locais.

Na abertura da festa uma procissão segue até a Igreja de São Sebastião, onde está entronizada a Imagem de Sant’Ana, a mencionada Imagem do século XVIII, cuja descoberta numa loca de pedra é atribuída ao tempo da escravidão. Nos relatos sobre a descoberta da Imagem, contam que onde ela estava rezaram uma missa e mesmo assim não conseguiram retirá-la, somente com o Moçambique ela foi retirada. Nesta versão mística da origem, pode-se claramente identificar uma aproximação entre Sant’Ana e Nossa Senhora do Rosário, tornando-a objeto de devoção. Esse aspecto ainda é mais valorizado por ser a Imagem talhada em madeira negra. Esta imagem está arrolada na lista de bens tombados do IEPHA/MG, cujo tombamento municipal se deu em 2003. Na festa do Quilombo são levantadas três bandeiras, dedicadas a Sant’Ana, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

O Sr. Edson contou que tem o sonho de levantar outro terno no Quilombo. Para tanto, já dispõe de crianças e jovens interessados, assim como de instrumentos. Só falta um capitão de fora disponível para ensinar e tomar à frente até que os próprios jovens locais possam assumir a festa, foi quando ele me convidou para ser capitão, já que eu entendia muito de Congado, o que atribuí à alegria da visita e do biscoito de polvilho servido com cachaça.

Outro desejo é formalmente registrar a Irmandade do Rosário local para ter mais acesso a benefícios governamentais. O apoio que a festa no Quilombo consegue atualmente é restrito ao fornecimento de transporte para os ternos virem até a festa.

Ainda que o Laudo de Impactos sobre os Bens Culturais de Natureza Imaterial protocolado com os dados acima, sinalizasse para a inexistência de impactos do empreendimento sobre tais bens, o IPHAN-MG, no mesmo ofício de anuência, indica, “(...) como condicionante para a concessão da Licença de Operação do empreendimento, o estabelecimento de um plano de ações de salvaguarda dos ternos locais (...)” (OFÍCIO/GAB/IPHAN/MG nº 1486/2015). Talvez o técnico do IPHAN pensasse que a prática se encontrava por demais desguarnecida do poder público, talvez porque a empresa se mostrasse solícita em cumprir a lei, talvez como protótipo de futuros pedidos semelhantes para empreendimentos similares, uma vez que até então tal pedido nunca houvera acontecido. O Fato é que de repente nos caíra no colo um trabalho incerto de convencer gente tão diferente a sentar na mesma mesa e cada um apresentar suas precisões e seus limites.

Conversamos em separado com todos os agentes, tomamos o cuidado de não envolver nas disputas por prestígio das irmandades, evitando comentar o que cada uma decidira entre si. Daí surgiu um plano de Salvaguarda com a seguinte estrutura que em resumo, não tratou de quantias, senão que de um desejo comum de formalizar as relações entre o congado, a prefeitura e a empresa, gerando prazos e formas de encaminhamento das questões que pesavam sobre a festa e sobre o desejo do IPHAN. Não comprometemos a empresa em projetos complexos e de difícil execução, apenas abrimos canais formais de negociação que facilitassem a compreensão e o acesso dos congadeiros.

Assim o Plano assumiu a forma delineada, principalmente, pelas formas de interação dos congados entre si e do planejamento festivo que eles tinham. Aqui é interessante notar que os detentores jamais esperaram, ou antes recusaram de início qualquer doação excessiva que implicasse em perda de poder discricionário sobre suas celebrações, a ideia do sacrifício que o congado exigia de cada permanecia viva e tinham medo que receberem tudo pronto fosse uma indignidade diante dos santos. Haviam que manter suas formas tradicionais de solidariedade, manter o prestígio dos doadores e a fé das promessas.

A estrutura do plano ficou sendo a seguinte:

1) Objetivos

O Plano de Salvaguarda dos Ternos Locais de Carmo da Mata, MG, foi elaborado para e com a participação dos representantes dos ternos locais de Carmo da Mata visando atender às principais necessidades dos Reinados do município.

Além de atender a este objetivo específico, o presente Plano também possui os seguintes objetivos secundários:

- Identificar as principais necessidades dos Reinados do município e, a partir destas, estabelecer um plano de ações;
- Estabelecer um plano de ações objetivo e pautado em ações efetivas que possam ser cumpridas pela Nacional de Grafite, uma vez que o foco das atividades do empreendedor não é o patrimônio cultural;
- Estabelecer mecanismos e um plano de ações para que a empresa Nacional de Grafite possa contribuir com o auxílio para transporte dos ternos ou apoio para realização das festas ou apoio para produção de indumentária e/ ou apoio para realização de oficinas de transmissão de saberes associados ao Reinado;
- Estabelecer um plano de ações que não coloque em risco ou influencie negativamente a dinâmica e os modos de produção e reprodução dos ternos locais; e,
- Atender à condicionante do IPHAN-MG, indicada no OFÍCIO/GAB/IPHAN/MG nº 1486/2015, para a concessão da Licença de Operação do empreendimento Mina Fazenda Casca.

2) Procedimentos Metodológicos

Para a elaboração do Plano de Salvaguarda dos Ternos Locais de Carmo da Mata, MG, foram utilizados, basicamente, os seguintes instrumentos metodológicos:

- ✓ Estudo aprofundado e análise do RELATÓRIO FINAL: LAUDO DE IMPACTOS SOBRE OS BENS CULTURAIS DE NATUREZA IMATERIAL PARA OBTENÇÃO DE ANUÊNCIA DO IPHAN (MG) PARA EMPREENDIMENTO FAZENDA MINA CASCA (PLANTUC, 2015);
- ✓ Levantamento de dados primários relacionados aos bens culturais de natureza imaterial, aprofundando as informações existentes, sobre os ternos locais, sobre outras manifestações culturais e sobre o município;

- ✓ Realização de reuniões junto aos representantes dos ternos locais do município, a Prefeitura de Carmo da Mata e a Nacional de Grafite; e,
- ✓ Análise, sistematização das informações coletadas e elaboração do Plano de Salvaguarda.

O processo de elaboração do presente Plano pode ser dividido em três etapas que se subdividem em passos. A seguir, apresentam-se as etapas e passos na sequência em que ocorreram:

1ª Etapa

- Levantamento de dados secundários de estudos anteriores reunindo um compêndio de contatos prévios e permitindo a contextualização do objeto do Plano;
- Realização de trabalho de campo (1ª campanha) incluindo:
 - Aprofundamento do levantamento sobre os ternos locais;
 - Visitas técnicas às sedes das Irmandades de Carmo da Mata;
 - Reuniões com os técnicos que representam a área de licenciamento ambiental e responsabilidade social da empresa Nacional de Grafite;
 - Reunião com representante da área de patrimônio e cultura da Prefeitura de Carmo da Mata; e,
 - Reunião com representantes dos ternos locais do município.

2ª Etapa

De posse das informações e parâmetros definidos nas reuniões citadas acima, buscamos traçar o plano de ações (uma versão simplificada) do Plano de Salvaguarda dos Ternos Locais e foi realizado um segundo trabalho de campo a fim de apresentar e validar ou coletar possíveis revisões e/ ou sugestões aos resultados. Desta forma, a segunda etapa seguiu os seguintes passos:

- Elaboração do Plano de Ações de Salvaguarda;
- Realização de trabalho de campo (2ª campanha):
 - Reunião com os técnicos da empresa Nacional de Grafite;
 - Reunião com o representante da área de patrimônio e cultura da Prefeitura de Carmo da Mata e os técnicos da empresa Nacional de Grafite; e,

- Reunião com representantes dos ternos locais do município, com o representante da área de patrimônio e cultura da Prefeitura de Carmo da Mata e os técnicos da empresa Nacional de Grafite.

3ª Etapa

A última etapa consistiu na validação final do Plano de Ações pelos atores envolvidos, finalização do documento do Plano de Salvaguarda dos Ternos Locais de Carmo da Mata, MG, e entrega e protocolo junto ao IPHAN-MG incluindo os seguintes passos:

- Realização de possíveis alterações no Plano de Ações de Salvaguarda apresentado no segundo trabalho de campo;
- Realização de trabalho de campo (3ª campanha):
 - Reunião final para assinatura do Plano com presença de todos os atores envolvidos;
- Finalização do documento do Plano de Salvaguarda dos Ternos Locais de Carmo da Mata; e,
- Entrega e protocolo do Plano de Salvaguarda dos Ternos Locais de Carmo da Mata junto ao IPHAN-MG.

3) Plano de Ações de Salvaguarda para as Irmandades Congadeiras de Carmo da Mata

3.1) Calendário de Festas de Reinado

Festas de Reinado	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro
Festa da Cachoeira Dias (Catupé de Camisa Amarela)					
Festa da Forquilha (Vilão de N.S. Aparecida e Terno de pandeiro N. S. Rosário)					
Festa da Irmandade do Rosário (todas as guardas da irmandade + convidados)			1ª quinzena		
Festa da Irmandade de São Benedito (todas as guardas da irmandade + convidados)			2ª quinzena		
Festa do Quilombo (não há grupos locais, comissão local de organização da festa)				2º fim de semana de setembro	
Festa em Campos (não há grupos locais) - Esta festa foi retomada em 2015, há 30 anos que a festa não acontecia.					

Nota: A Irmandade do Rosário cuida da Festa na sede do município, a Irmandade de São Benedito coordena todas as demais festas, tendo uma da Irmandade na sede do município e as demais nas localidades rurais. Apesar de haver divisão entre as Irmandades, alguns dos ternos (sobretudo o Catupé de N. S. Mercês e o Vilão de N. S. Rosário), tanto de uma irmandade como da outra, participam das festas rurais juntos, principalmente, no Quilombo e agora, em Campos.

3.2) Panorama do Reinado em Carmo da Mata/MG

De forma esquemática pode-se fazer os seguintes apontamentos sobre o Congado em Carmo da Mata:

- Há uma grande vitalidade nas instituições e celebrações do Reinado, a prática congadeira é amplamente difundida tanto entre a população como no território do município.
- As redes de solidariedade e promessa são fortes e garantem a realização das festas.

- Não há riscos iminentes que demandem uma salvaguarda emergencial.
- Existem diferenças intrínsecas à constituição das duas irmandades e a relação entre elas é conflituosa; notamos na irmandade do Rosário uma preocupação maior com o apoio financeiro (no caso desta Irmandade, um dos representantes dos ternos chegou a propor um patrocínio). Lembramos que o plano de ação não tem essas características e que estas diferenças e o sentido das ações deve estar explícito nas próximas reuniões e explícito na redação do documento (sugeriram, inclusive, o uso da logo da empresa nas camisas da diretoria, o que deve ser claramente rejeitado).
- Devido ao comprometimento da Nacional de Grafite com a comunidade do Quilombo através da Associação dos Moradores do Quilombo e o Grupo de Festas de Nossa Senhora do Rosário da Comunidade do Quilombo, a empresa se reserva o direito de uma aplicação maior de recursos na comunidade numa relação de contato mais direto.
- O plano será elaborado tendo como alvo as Irmandades que congregam todos os ternos e cuja relação interna de cada terno com sua Irmandade não se observam conflitos relevantes, agindo ambas com determinação e suas decisões sendo respeitadas e ratificadas por seus respectivos membros.
- A dificuldade maior dos ternos está na captação de recursos monetários necessários à manutenção e confecção de instrumentos e indumentária, à manutenção de troca de visitas (elemento tradicional de afirmação dos ternos, de troca de ritos e de saberes) pelo custo de transporte.
- Cada Irmandade declarou receber em torno de 3.000 (três mil) reais da Prefeitura para a execução das Festas principais da Irmandade. Contudo, esse dinheiro é incerto e sua liberação não tem data prevista, atrapalhando o planejamento cuidadoso que estas festas exigem;
 - Entende-se que a questão não seja só financeira, mas também de valorização cultural, de modo que uma sensibilização da Prefeitura para uma escuta e um programa mais efetivo em torno do congado trariam benefícios não só aos congadeiros mas a toda cidade. Por isso, a Prefeitura está sendo chamada a participar destas reuniões e oferecer algum compromisso, que estará descrito neste plano.

Os pontos acima redundam nas seguintes premissas:

- O presente documento não tem caráter ou propósito de patrocínio.
- A empresa Nacional de Grafite se reserva o direito de uma aplicação maior de recursos na comunidade do Quilombo tendo em vista uma relação de contato mais direto.
- As Irmandades que congregam todos os ternos, em cuja relação interna de cada terno com sua Irmandade não se observam conflitos relevantes, agem com determinação e suas decisões são respeitadas e ratificadas por seus respectivos membros.
- A Prefeitura atenderá ao chamado de participação e oferecerá o compromisso de contrapartida descrito neste plano.
- Os valores específicos a serem empenhados pela Nacional de Grafite nas ações elencadas no presente Plano deverão ser acordados entre a empresa e as Irmandades.

3.3) Ações de Salvaguarda

- Para evitar a expectativa quanto a recursos e com o cuidado de não romper as formas tradicionais de solidariedade e promessa que subjazem a festa, é pensado um Plano mais substantivo que se divide em quatro eixos que se distribuem pelos cinco anos em que o empreendimento estará operando.
 - Eixo de infraestrutura: voltado para as sedes das Irmandades, este eixo atende a reclamação das Irmandades quanto aos custos que tem todo ano para alugarem equipamentos para a festa, sobretudo cadeiras, mesas e equipamentos de cozinha; a ideia aqui é de fornecer auxílio para a compra destes equipamentos de modo a eliminar ou diminuir o custo da festa com alugueis anuais, liberando recursos para o investimento nos ternos (indumentária, instrumentos);
 - Eixo de troca de saberes: os congadeiros de Carmo da Mata reclamam do custo dos instrumentos e da matéria-prima para sua confecção. Ao mesmo tempo existem iniciativas em cada uma das Irmandades para a busca de mestres congadeiros da região na confecção de tais instrumentos para que os ensinem. Aqui podemos observar como as redes de contato das Irmandades são dissociadas, enquanto a Irmandade de São Benedito busca

em Oliveira suas referências culturais para seus instrumentos, os da Irmandade do Rosário vão a Cláudio buscar os mestres. De forma que a ideia do plano é expandir e facilitar a ocorrência destas oficinas, fornecendo na ocasião o material para os instrumentos que seriam incorporados ao acervo dos ternos, diminuindo o custo com estes insumos e reforçando as relações tradicionais e troca de saberes regionais desta prática que é importante na região toda;

- Eixo dos ternos: apoiar a confecção dos trajes após as questões acima terem sido tratadas;
- Eixo de informação: ao fim do período de aplicação do plano, e dispondo do registro de todas as ações, promover uma publicação simples, tipo brochura que informe a população sobre as Irmandades, as Festas e os ternos, atendendo assim às questões de memória e transmissão.
- Acredita-se que a questão do transporte deva ser uma contrapartida do poder público diante deste plano, e a empresa estimulará a Prefeitura para que disponibilize um plano de transporte como parceria nesta iniciativa.
- Respeitando o Calendário e entendendo a necessidade dos ternos de um compromisso firme e um prazo para o planejamento, bem como atendendo à empresa, propõe-se que haja um desembolso anual para cumprimento e que este ocorra em abril, ou seja, antes do ciclo de festas. As irmandades deverão prestar contas e aplicar os recursos nas etapas previstas do plano.
- Os valores específicos a serem empenhados pela Nacional de Grafite anualmente nas ações elencadas no presente Plano deverão ser acordados, a cada ano, entre janeiro e março, entre a empresa e as Irmandades.
- Cada ano será acompanhado de um relatório de monitoramento.

3.4) Calendário do Plano

Ação	Ano 1	Ano 2	Ano 3	Ano 4	Ano 5
Apoio para cada Irmandade adquirir equipamento					
Oficinas de confecção de instrumentos em cada Irmandade					

Apoio para a confecção da indumentária					
Brochura descritiva das festas, irmandades e ternos, e descrição das ações dos anos anteriores					

3.5) Reuniões

Foram realizadas sete reuniões:

- a) Uma reunião com cada Irmandade para o estabelecimento de um canal de comunicação e para a apresentação da iniciativa. Explicamos-lhes sobre a condicionante e a importância destas ações no âmbito do processo de Registro das Congadas de Minas Gerais como patrimônio do Brasil. Esclarecemos o termo Salvaguarda, e ressaltamos as medidas de continuidade da prática mais que o apoio financeiro, evitando qualquer promessa neste primeiro momento. Estas primeiras reuniões foram de escuta, ouvindo deles como se organizam para fazerem suas festas, seus custos e as principais dificuldades na realização do Reinado;
- b) Uma reunião com a Empresa Nacional de Grafite para alinhamento das ações, conhecimento dos projetos e das intenções da Empresa quanto a este Plano em específico.
- c) Reunião de Alinhamento com a Grafite a partir deste esboço em mãos;
- d) Reunião entre a Grafite, a Prefeitura para apresentação do plano de salvaguarda e estabelecer um compromisso;
- e) Reunião entre a Empresa, a prefeitura e os presidentes das Irmandades para a apresentação do plano;
- f) Apresentação a cada Irmandade de um Plano Prévio para explicação e possível alteração;
- g) Reunião final para assinatura do Plano com presença de todos os agentes.

3.6) Matriz de responsabilidades

Nacional de Grafite: a cargo do plano e de sua execução, fiscalização e avaliação; repasse anual de recursos em data prévia ao ciclo festivo a ser combinada com os congadeiros. Os recursos a serem destinados ao Congado dependerão do fluxo de caixa da empresa, mas garantem que as ações básicas sejam cumpridas.

Prefeitura: elaboração de política específica ao Congado e disponibilização de transporte, repasse de recursos anuais em data prévia ao ciclo festivo a ser combinada com os congadeiros. Os recursos aplicados pela Grafite não implicam que a prefeitura se desobrigue dos congados, pelo contrário, o poder público municipal deve ser o principal fomentador deste bem cultural. Qualquer suspensão ou diminuição dos apoios que porventura já sejam dados pela prefeitura implicaria numa eficácia nula deste plano. Este plano baseia-se já em recursos escassos e a complementaridade das ações entre a empresa e a prefeitura são essenciais para uma parceria que faça com que os congadeiros que há mais de um século mantem suas tradições se sintam mais valorizados.

Congadeiros: manutenção do status jurídico das Irmandades para que possam continuar recebendo seus recursos, aplicação integral dos recursos nas ações dadas e prestação de contas das ações efetivadas (nota: cada irmandade em comum acordo com seus ternos irá proceder à distribuição e aplicação dos recursos, tornando públicos os gastos e em caso de distribuição aos ternos, cada capitão deverá assinar os recibos)

3.7) Cronograma Preliminar:

Ação	Ano 1	Ano 2	Ano 3	Ano 4	Ano 5
Apoio para cada irmandade adquirir equipamento					
Oficinas de confecção de instrumentos em cada Irmandade					
Apoio para a confecção da indumentária					
Brochura descritiva das festas, irmandades e ternos, e descrição das ações dos anos anteriores					

3.8) Instrumento de Controle e Monitoramento da Implantação do Plano:

Relatório de Monitoramento Anual do Plano de Salvaguarda dos Ternos de Carmo da Mata.

Deverá ser enviado anualmente ao IPHAN-MG, até 15 de dezembro de cada ano (iniciando em 2016), e conter a prestação de contas dos valores de apoio, um breve relato fotográfico e descritivo das ações apoiadas naquele ano.

Fontes:

Martins, Marcos da Costa; Aredes, Sara; Romanha, Mateus Frechiani. LAUDO de Impactos sobre os Bens Culturais de Natureza Imaterial para Obtenção de anuência do IPHAN (MG) para Empreendimento Mina Fazenda Casca. Carmo da Mata/MG. IPHAN/MG.05/2015.

Martins, Marcos da Costa; Romanha, Mateus Frechiani. Plano de Ações de Salvaguarda para as Irmandades Congadeiras de Carmo da Mata. Condicionante para Obtenção de Licença de Implantação e Operação do Empreendimento Mina Fazenda Casca. Carmo da Mata/MG. IPHAN/MG.12/2015.

Contatos:

Irmandade de Nossa Senhora do Rosário

Capitão/ Representante	Terno
Sebastião Carvalho (Presidente da Irmandade)	Vilão de N. S. Aparecida (mais antigo da cidade)
Sebastião de Castro Paulino (Capitão-mor)	Catupé de N. S. Rosário
Antônio Amaro Teixeira (vice-presidente) (Confecciona coroas e objetos sagrados)	
Hailton Lauro dos Santos	Moçambique de N.S Rosário
Jorge Luís Candido (Clarice Candido - esposa)	Marujos de Santa Efigênia
Eduardo José (Ananias)	Vilão de N. S. Rosário
Ben Alexandre	Catupé de N. S. das Mercês

Irmandade de São Benedito

Capitão/ Representante	Terno
Fernando Cesário César (vice-presidente da Irmandade)	
José Geraldo (Geraldinho da Forquilha) (Presidente da Irmandade e Capitão-mor)	Vilão de N. S. Aparecida (mais antigo da zona rural) Forquilha
Julieta Geraldo (esposa de José Geraldo e capitã)	Terno de pandeiro de N. S. Rosário
Maria das Graças Silva (Maria Gordinha) (Capitão Louro)	Moçambique de N. S. Rosário
Flamarion Natal Dutra (Batata)	Moçambique de São Benedito
Osvaldo Gonçalves Moreira (Dondinho)	Vilão de Santa Efigênia
Heldervani da Silva (capitão) Raimunda Caetana da Silva (Caetana)	Catupé (Maior da cidade, mais de 100 membros)
Fabiano (Neném) (sobrinho de Geraldinho da Forquilha)	Catupé da camisa amarela da Cachoeira Dias

Bibliografia:

BARBOSA, Waldemar de Almeida. **Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Promoção da Família Editora, 1971.

- CÂMARA, Ricardo. Estrada de Ferro Oliveira a Carmo da Mata – 120 anos de História. **Memória Carmense**: ano VIII, nº 18, jul. 2010.
- CARVALHO, D. **História de Cláudio (1911-1992)**. Belo Horizonte: Cuatiara, 1992.
- CARVALHO, Lineu de. A trajetória evolutiva de Carmo da Mata. **Memória Carmense**: ano VI, nº 13, dez. 2008.
- CARVALHO, Lineu de. Nossa Igreja faz aniversário. **Memória Carmense**: ano VIII, nº 18, jul. 2010.
- FERREIRA, José de Carvalho. Carmo da Mata, um pouco de história e muitas reminiscências. **Tribuna do Carmo em Revista**: ano III, nº 5, jul. 2005.
- FONSECA, Luiz Gonzaga. **História de Oliveira**. Centenário, 1961.
- IBGE. Censo Demográfico 2010.
- Nacional Grafite Ltda. **EIA – Estudo de Impacto Ambiental Mina Fazenda da Casca**. Carmo da Mata, dez. 2011.
- Nacional Grafite Ltda. **RIMA – Relatório de Impacto Ambiental Mina Fazenda da Casca**. Carmo da Mata, dez. 2011.
- Nacional Grafite Ltda. **Relatório Final de diagnóstico e prospecção arqueológica da Mina Fazenda da Casca**. Carmo da Mata, dez. 2012.
- SAMPAIO, Daniel. Instalação do Município de Carmo da Mata. **Memória Carmense**: ano X, nº 22, dez. 2012.
- RABELO, Emerson. Grupo Escolar Silviano Brandão rumo aos 100 anos. **Memória Carmense**: ano VIII, nº 18, jul. 2010.
- VAINFAS, Ronaldo. **Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- VASCONCELOS, Diogo de. **História Média de Minas Gerais**, 4ª edição. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.
- IBGE. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. XXIV, p.387-390.